

Uma Leitura das Ideias de William James Sobre a Religiosidade Humana

Jaziel Guerreiro Martins¹

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (1986), Mestre em Artes (Religion and Culture) pela University of Birmingham, Inglaterra (1993), título convalidado no Brasil pela UMESP, e doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2005). Atualmente é o diretor-geral das Faculdades Batista do Paraná desde 2007. É o pró-reitor da Pós-Graduação Stricto Sensu. Atua como docente no curso de graduação em Teologia e no Programa de Mestrado em Teologia.

RESUMO

Esse ensaio faz uma análise do pensamento de William James sobre as variedades da experiência religiosa circunscrito dentro de sua obra “As variedades da experiência religiosa”. James tenta dar uma explicação racional e convincente do fenômeno religioso, o que, em última instância, seria uma explicação da própria existência humana.

Palavras-Chave: Religião, psicologia, experiência, sentimento.

ABSTRACT

WILLIAM JAMES' IDEAS ON HUMAN RELIGION

This article is an analysis of William James' thoughts on the varieties of religious experiences from his book “The varieties of religious experience”. James tries to explain the religious phenomenon rationally and in a convincing way, which would be after all the explanation of human existence itself.

Key- Words: Religion, PSYCHOLOGY, experience, feeling.

Ao longo da história, vários escritores têm tentado dar uma explicação racional e convincente do fenômeno religioso. É o desejo de encontrar uma explicação da própria existência humana. Alguns têm procurado estudar esse fenômeno a partir de uma visão sociológica; outros, a partir de uma visão teológica; alguns outros, a partir de uma visão psicológica, e assim por diante. O autor estudado e analisado neste artigo é William James, o qual foi médico, naturalista, artista, psicólogo, filósofo, pensador religioso, escritor, conferencista e professor.

William James é reputado como uma das principais autoridades no desenvolvimento da ciência conhecida como Psicologia. Foi um homem de intelecto brilhante, mas que possuía profundos conflitos emocionais, e que tentou contrabalançar sua mente racional com sua necessidade de criar um significado espiritual em sua vida. Escritor de várias obras no campo psicológico e filosófico, tem ampla relevância no campo religioso pela publicação do livro “As variedades da experiência religiosa”, o qual é a base para análise aqui.

Procura-se, portanto, analisar o pensamento de William James com relação às variedades da experiência religiosa circunscrito dentro de sua obra já citada, haja vista que em termos de psicologia ele escreveu sobre, praticamente, todos os assuntos e seria impossível falar de muitos aspectos de seu pensamento num artigo como este.

Também não é preocupação aqui expor as opiniões e os comentários que já surgiram a respeito de seu pensamento. O propósito principal deste artigo é analisar as ideias de James sobre o fenômeno religioso. Aqui, com certeza, explica-se o motivo de se consultar algumas outras obras para que se fizesse uma análise relevante e pertinente e que não fosse apenas uma elucubração desmedida e irrefletida que perderia todo o seu valor científico.

Embora outras obras de James e alguns outros autores foram consultados para se saber mais sobre sua vida e sobre o contexto em que estava inserido, bem como para alargar o entendimento de seu pensamento, os matizes aqui levantados são, em última instância, discutidos e formulados a partir da compreensão e avaliação diretamente de suas ideias expostas no seu livro supracitado que é seu *bestseller* sobre a experiência religiosa.

William James (1842-1910) foi médico, naturalista, artista, psicólogo, filósofo, pensador religioso, escritor, conferencista e professor. Foi um dos americanos mais influentes de sua época; seu impacto permanece quase o mesmo 90 anos depois de sua morte, principalmente por causa de seu livro “As variedades da experiência religiosa”. James foi extremamente conhecido como uma das principais autoridades no desenvolvimento da ciência conhecida como Psicologia e no lançamento da mais original contribuição americana para o desenvolvimento da Filosofia, o Pragmatismo, conhecida no meio psicológico como Funcionalismo. Um homem de intelecto brilhante, mas que possuía profundos conflitos emocionais, e que tentou contrabalançar sua mente racional com sua necessidade de criar um significado espiritual em sua vida.

James foi um dos primeiros professores de Psicologia numa Universidade Americana. Ele enfatizou a psicologia experimental, uma orientação que ajudou a tirar a psicologia das garras da teologia e da filosofia, tomando-a uma ciência própria. Foi autor dos massivos dois volumes “Princípios de Psicologia”, um tremendo trabalho de referência no campo psicológico por mais de uma geração. Formulou a teoria do fluxo da consciência.

William James foi um dos mais populares instrutores em Harvard. Entre seus estudantes estão Theodore Roosevelt, Gertrude Stein, Walter Lippman, e W. E. B. Dubois. Ele e seus colegas lideraram a transição de uma filosofia do século XIX, a qual era centralizada na Europa, para uma nova filosofia americana para o século XX. James foi identificado com movimentos conhecidos como Pragmatismo e Empirismo. Ele deu as prestigiosas palestras “Gifford Lectures” sobre Religião Natural na Universidade de Edimburgo em 1901-1902, palestras que formaram a base para seu livro “As variedades da experiência religiosa”. Foi o fundador da Sociedade Americana para a Pesquisa Psíquica, tendo sempre uma mente aberta com interesse em fenômenos psíquicos por toda a sua vida adulta. James explorou o uso de drogas como uma forma de promover o *insight* religioso.

Tem havido uma sucessão contínua de estudiosos que têm se inspirado no trabalho de William James. O interesse da presente geração é suficiente para que se considere um retomo de James. Ele era um protestante liberal e filósofo pragmático que, impaciente com toda a forma de dogmatismo, procurou analisar como um todo o valor da religião para a vida humana.

“As variedades da experiência religiosa” é certamente um dos mais notáveis livros no campo da psicologia da religião e provavelmente um dos mais influentes sobre esse assunto no século XX. O livro tornou-se um *bestseller* imediatamente após sua publicação em 1902. Nesse livro, James demonstra uma atitude cética em relação à experiência religiosa. Na verdade não é uma condenação à religião. Nem é uma rejeição da experiência, mas um apelo à necessidade de se usar criticamente as faculdades mentais na vivência do fenômeno religioso. James parece olhar com completo desdém para a religião organizada. James acreditava no direito que cada indivíduo tem de afirmar proposições religiosas unicamente sobre a base de predileção emocional, mas somente debaixo de certas condições. A escolha diante do indivíduo deve ser inescapável; logo, não escolher também é uma escolha. As alternativas devem ser opções que podem ser genuinamente abarcadas, e a decisão deve prover uma oportunidade singular que fará uma diferença significativa na vida da pessoa.

James tinha dúvidas se alguma doutrina religiosa particular era verdadeira e se a maioria das pessoas precisava ter sua fé rompida e ventilada para se livrarem de sua doença e barbarismo. James não escreve esse livro para

o mercado popular de vidas normais; ao contrário, ele tinha intenção de escrever para acadêmicos que tinham noções falsas e inibidoras de ciência e de evidência científica. Foi para essa diminuta minoria que ele procurou legitimar a fé religiosa.

James tenta justificar a fé religiosa em termos de evidência empírica. No coração de sua obra está uma avaliação do tipo espiritual, que é dirigido a coisas como valor, significado e importância. James queria saber quais são os frutos da religião para a vida. Para ele, o conhecimento das origens ou condições do fenômeno não dá base suficiente para julgar o seu valor.

O livro (as palestras) possui no mínimo três faces: a) é um trabalho filosófico de julgamento espiritual; b) o próprio James reconhece que sua curiosidade por suas experiências religiosas teve influência na confecção das palestras; c) há abundância de material que ele coletou para desenvolver seu trabalho de avaliação.

O livro enfatiza as diferenças individuais e a grande diversidade de experiências religiosas. É nessas diferenças individuais que nós encontramos a realidade das experiências religiosas. Em termos de documentos pessoais, James confiou quase que exclusivamente em experiências religiosas de indivíduos incomuns que viveram no extremo da experiência religiosa. Seu método era apreender os extremos exagerados que alguém pudesse vivenciar. Estes indivíduos tinham tendências à psicopatologia. Os indivíduos que James escolheu eram aqueles que estavam mais preocupados com piedade e autoconsciência e mais realizados na vida religiosa e que melhor pudessem dar um relato inteligível de suas ideias e motivos. Entre os inúmeros escolhidos estão Leo Tolstoy, John Bunyan, Martinho Lutero e Walt Whitman.

James usou tanto pessoas religiosas comuns e incomuns; a maioria de seus documentos era do tipo espontâneo e a grande maioria provinha de fé protestante. Do ponto de vista existencial, nós encontramos James se perguntando o que nós podemos dizer ou fazer sobre as variedades da experiência religiosa. Ele desenvolveu uma dupla tipologia para caracterizar um infinito número de impulsos inatos comuns a todos os seres humanos. Essa dupla tipologia está dividida em: a) impulsos do tipo inferior: refere-se à sensação da carne, instintos, desejos, egoísmo, dúvida e interesses pessoais menores; b) impulsos do tipo superior: refere-se a uma esfera mais profunda onde nós podemos encontrar, por exemplo, a tendência de se sujeitar a árduos desafios e ao sacrifício.

Para William James esta dualidade na natureza humana é a base de todas as experiências religiosas. E, estes dois aspectos mudam durante a vida de uma pessoa. Usando as metáforas do subconsciente e do subliminar, ele nota a íntima relação que a religião tem com o inconsciente. Isso é demonstrado pelo alto grau de automatismo (ações realizadas sem consciência) entre líderes religiosos. Ele especula que conteúdos da região subconsciente pode ser a explicação da abrupta mudança de coração do convertido, depois de um longo período de incubação subconsciente, bem como para as revelações de experiências místicas.

Segundo James, a região subliminar é a casa de tudo que é latente e o reservatório de tudo que passa não gravado ou não observado. Isto é, intuição, persuasão, convicções, operações não racionais e assim por diante. Daí, ele conclui que esta região é a fonte e origem de toda religião. Desta maneira, diferenças na experiência religiosa refletem diferenças no caráter e possibilidade de acesso ao campo subliminar (o conteúdo que depende das experiências vividas do indivíduo, que é maior em alguns do que em outros, os quais, portanto, podem ser mais ativos). Entretanto, estes não são os únicos aspectos possíveis de diferenças individuais importantes no desenrolar das experiências religiosas, isto é, há também diferenças na constituição e temperamento, susceptibilidade emocional, intelecto, sensibilidade e sugestibilidade a experiências da vida.

Entre as doutrinas conflitantes, James encontra um núcleo intelectual comum, que consiste de duas impressões. A primeira é ansiedade e incerteza, ou seja, um senso de que alguma coisa está errada lá fora; a segunda é um senso de que nós estamos salvos das coisas erradas através de conexões corretas com os altos poderes. Em ambas impressões, o mais alto Self tem um papel super importante. Isto é, ele nos permite perceber os erros dentro de nós e ele é o que nós identificamos como o nosso real ser.

Nós passamos a entender que esta parte mais alta, continuamente chega às raias dos altos poderes que são concebidos como estando ativos no universo fora de nós e que através de um contato com eles nós podemos achar salvação. Para James, este aspecto dos altos poderes está conectado com o outro lado da subconsciente continuidade de nossa vida consciente. Daí, pela sua hipótese, o relato de indivíduos religiosos que tiveram a experiência religiosa sob o controle de fora, isto é, a graça de

Deus, faz sentido para nós como o mais alto aspecto de nossos próprios seres que está escondido de nós; então, percebemos isso como algo externo a nós mesmos.

James tenta definir os estados místicos de consciência como experiências reais, isto é, um assunto válido para estudo e investigação, além de mostrar que tais estados estão disponíveis em várias pessoas. Ele começa com o ponto crucial que é a definição, pois sem uma ideia clara do que está sendo discutido, poderá ocorrer um mal entendido do assunto. Muitas coisas podem ser consideradas como místicas, mas James usa o termo “estados místicos de consciência” para incluir um espectro de experiências, desde as não religiosas até as religiosas mais profundas.

Começando com o tipo mais simples de experiência, James nota o forte senso de significado e conhecimento associados com a experiência, que é a qualidade “noética”. Ela é uma das quatro qualidades que ele usa para definir os estados místicos de consciência. “Inefável” é outra característica que marca uma experiência como mística: a experiência opõe-se à expressão. Devido a sua natureza subjetiva, a experiência é um estado de sentimento.

James assevera que estas duas qualidades dão o direito a qualquer estado de ser chamado de místico. Entretanto, há outras qualidades usualmente associadas com a experiência. Ele explica que as experiências são geralmente transitórias. Pelo fato de que a experiência apaga-se logo, é difícil recordar a qualidade da experiência em nossa memória; ela continua sempre longe de ser aproximada. Mas, algum conteúdo sempre permanece, e isto pode ser usado para modificar a vida interior do sujeito entre o tempo de sua repetição.

Quando se têm experiências místicas, entretanto, os indivíduos não parecem processar ativamente as informações. Ao contrário, elas são uma experiência passiva. Muito embora várias pessoas ativamente estudam e praticam técnicas para produzir estados místicos de consciência, quando tais experiências ocorrem, parecem acontecer sem sua vontade.

William James também dá a entender que estas experiências ocorrem quando nosso “campo de consciência” aumenta. Alguém pode dizer que estas simples experiências sugerem um leve aumento deste campo, enquanto que as experiências mais profundas surgem quando a consciência se expande para incluir itens geralmente filtrados, escondidos,

ou apenas longe de serem atingidos. Isso poderia incluir memórias e sensações. Assim que a consciência aumenta para incluir mais informação interna e externa, um senso de EU, uma fronteira maior entre o EU e o meio ambiente se expande e parece dissipar-se.

A experiência é uma unidade com informação anteriormente definida como não-eu. Esta expansão do EU, freqüentemente referida como a perda do EU, pode não ser benéfica para alguém que não tem um forte senso do EU. Para essas pessoas, uma experiência mística pode ser ameaçadora e confusa, para dizer pouco. James chama isso de “misticismo diabólico”; metade do misticismo, ele explica, não é misticismo religioso, mas casos onde ideias místicas são vistas como sintomas de insanidade. Ele se refere a eles como misticismos mais baixos.

James põe de lado, de maneira muito firme, a ideia comum de que, através da explicação das origens de alguma coisa nós temos de alguma forma explicado satisfatoriamente seu valor. Ele está, na verdade, atacando o que veio a ser conhecido mais tarde como “Falácia Genética”. Ele argumenta que nós podemos explicar ações humanas ou sistemas de crenças em termos de como eles passaram a existir, mas isso não diz nada sobre seu valor; o valor de algo deve estar divorciado de sua origem. Portanto, a história não necessariamente resolveria todas as questões de valor e verdade.

Ele cita um exemplo comum: ouve-se que os alunos freqüentemente reclamam que as notas que receberam nos trabalhos não se coadunam com a qualidade do trabalho que eles pesquisaram. Eles alegam que trabalharam tanto e deram o melhor de si e, portanto, merecem uma nota maior. Esta é, particularmente, a versão comum da Falácia Genética que William James está atacando, pois é claro que trabalhar bastante não é critério de qualidade, embora isso possa ser extremamente frustrante para muitos estudantes cujos trabalhos recebem notas menores do que trabalhos de colegas que apenas fizeram as coisas correndo ou casualmente acertaram a questão.

Esta tese habilita James a pôr de lado aqueles que pensam que têm explicado religião adequadamente apontando para esta ou aquela causa física (uma escola de pensamento que James chama de Materialismo Médico). E no curso dessa discussão James introduz o princípio singular mais importante que é seu tema principal, não somente na discussão dele

acerca da religião, mas também de sua inteira filosofia: o valor de alguma coisa deve ser julgado pelos seus efeitos, não pela sua origem. Em outras palavras, “pelos seus frutos vocês os conhecerão e não pelas suas raízes”.

Pode-se observar, portanto, que James é um empirista radical, talvez um dos maiores exemplos que possamos encontrar. Para ele, todas as questões de valor têm de passar pelo crivo da experiência.

Por experiência ele não quer dizer alguma coisa como algo. Ao contrário, ele quer dizer experiências, as conseqüências ativas que ocorrem nas vidas de indivíduos particulares.

Como um empirista, James vai negar ao termo religião qualquer princípio ou essência simples. O nome é a uma palavra coletiva, uma classificação rotulada para um grande número de experiências diferentes e, o próprio trabalho de investigar a religião precisa considerar exemplos muito específicos de todas as diferentes manifestações de experiências humanas que podem ser colocadas dentro desse rótulo. Essa sua maneira de estudar a religião está no outro extremo do espectro filosófico de alguém que procura, a priori, definir religião e então deduz suas características em alguma lógica sistemática que então o permita julgar o que é e o que não é religião.

Muito de seu livro, portanto, é uma explicação dos critérios para inclusão na categoria das experiências religiosas. Obviamente, James tem de estabelecer algumas dessas experiências, e ele o faz na base de grande quantidade, algumas vezes com exemplos compridos, como um bom empirista. É preciso deixar claro que isto tudo não é uma tentativa clara de definir religião, mas simplesmente impor alguns limites no que realmente vai contar como sendo uma experiência religiosa. A discussão toda leva à sua famosa e controversa definição de religião:

A religião, por conseguinte, como agora lhes peço arbitrariamente que a aceitem, significará para nós os sentimentos, atos e experiências de indivíduos em sua solidão, na medida em que se sintam relacionados com o que quer que possam considerar o divino.²

E ele continua a estreitar a definição do divino, algumas páginas adiante:

2 James, W. *As variedades da experiência religiosa*. São Paulo: Cultrix, 1989, p.31-32.

Por isso proponho - mais uma vez arbitrariamente, se quiserem estreitar novamente a nossa definição dizendo que a palavra “divino”, no sentido em que a empregamos, não significará para nós simplesmente o primitivo, o envolvente e o real pois, aceito sem restrições, esse significado pode revelar-se demasiado lato. O divino significará para nós tão só uma realidade primitiva, de tal natureza que o indivíduo se sente impelido a responder-lhe solene e gravemente, e nunca com uma imprecação nem com um chiste.³

Esta definição e muitos dos exemplos de James demonstram sua ênfase muito protestante, mas isso não ataca o coração de sua tese. Desde que para ele, toda experiência é radicalmente individualística nossa vida é construída com nossas experiências como indivíduos - A ênfase na privacidade da experiência religiosa naturalmente se segue. É por isso que uma grande parte do livro consiste de um catálogo de testemunhos pessoais de experiências religiosas privadas.

Sua metodologia o leva a tal pesquisa, e as classificações que ele produz (por exemplo, a famosa entre o equilíbrio mental e a alma enferma),⁴ proporcionam uma interessante maneira de organizar seu material de campo. Ele admite que seus critérios para determinar uma experiência

3 James, W. *As variedades da experiência religiosa*. São Paulo: Cultrix, 1989, p. 36.

4 Para James, o indivíduo equilibrado mentalmente tende a ver todas as coisas como boas; é o eterno otimista, alguém que tem um tempo difícil ao perceber o mal no mundo. James, entretanto, faz uma distinção em: a) **mentalidade saudável**: de um lado há aqueles que são involuntariamente mentalmente equilibrados, os quais geralmente apreendem um sentimento imediato de felicidade da vida em geral. Tais indivíduos têm a tendência de ignorar completamente o mal e este comportamento pode se tornar uma política religiosa, uma forma de se ver o mundo religiosamente. b) No outro lado, ele aponta uma distinção inversa, isto, é a **mentalidade saudável voluntária**. Tais indivíduos têm desenvolvido uma forma abstrata de conceber as coisas como boas. Eles consistentemente seguem as correntes mais importantes na natureza humana e, todos eles cultivam tal atitude a um determinado grau, de uma ou de outra forma.

James também discute o tipo oposto de indivíduo religioso, ou seja, os indivíduos de **alma doente**. Em contraposição ao tipo religioso de mente equilibrada que lida como mal ignorando-o e até negando sua existência, o religioso de alma doente o leva em conta. Tais indivíduos experimentam uma profunda discordância, uma ruptura dentro do próprio Self que requerem uma experiência profunda e transformadora, uma que é geralmente conhecida como sendo uma experiência mística ou de conversão. O significado dessa experiência para estes indivíduos é que ela é o meio principal de determinar seu valor para estes indivíduos. Daí que James se refere a tais indivíduos como “nascidos duas vezes”. O que ele quis dizer com isto é que a experiência religiosa que eles recebem é similar àquilo que chamamos no mundo protestante de “nascer de novo”. As pessoas de mente mórbida são renascidas de sua miséria para um maior entendimento de suas vidas no contexto do universo. Não é que tais indivíduos não possam expressar alegria; isso seria uma suposição absurda. O que isto quer dizer é que eles colocam maior valor e significado nas experiências pessimistas de suas vidas.

religiosa são arbitrários, pois ele apela à sua audiência para que concorde com ele. E, como se verifica, qualquer desacordo com este ou aquele critério não ameaça a posição de James, embora isso faça o livro ficar ainda maior, posto que isso requerer que ele inclua mais exemplos.

Como um julgamento espiritual, James parecia estar esperando que “*As variedades da experiência religiosa*” promovesse uma “ciência crítica da religião” embasada em fatos de experiência pessoal. Sua esperança era remover o dogma e a adoração das históricas incrustações, tanto quanto ajudar a peneirar cuidadosamente as doutrinas que são incompatíveis com as descobertas da ciência natural. Suas conclusões foram modestas. Ele sentiu que há uma unidade debaixo de cada sentimento e conduta em todas as versões das diversidades de experiência religiosa.

Percebe-se que ideias, símbolos e ensino eram somente secundários no pensamento de James são embelezamentos e adornos que ajudam, mas não são indispensáveis para a continuidade da vida religiosa. Os sentimentos de que ele fala são alegria expansividade em termos de vida; e, pode haver um senso de que coisas grandes e maravilhosas estão no ar. Estes sentimentos indicam o que James considerava ser um estado de fé que dão significado e entusiasmo à vida.

Uma crítica que se pode fazer a James é sua grande dependência das experiências religiosas de pessoas excepcionais ou somente as experiências excepcionais. Por causa disso, ele não proporciona uma base adequada para a elaboração de princípios gerais que regeriam ou explicariam o fenômeno religioso na experiência humana, como um todo. Contrariamente ao que James pensava, as experiências normais são comuns em todos os lugares e não possuem necessariamente um estado místico, mas elas têm uma firme influência em qualquer comunidade religiosa. É interessante notar que no livro “*As variedades da experiência religiosa*”, William James desconsidera a piedade de indivíduos comuns, tratando-a como um tipo de hábito insípido.

Outra crítica que se pode levantar no pensamento de James é a exclusão de fatores institucionais e históricos. Ele trata as experiências religiosas das pessoas totalmente fora dos contextos histórico e sócio-cultural em que eles apareceram. Sendo a religião uma criação da sociedade humana, as experiências individuais e as confissões só se tornam significativas quando elas são consideradas no contexto em que estão inseridas. Há, sim, uma intrín-

seca relação entre a religião pessoal e a institucional. Elas não podem ser separadas, porque ambas formam e informam uma à outra.

Outro aspecto que deve ser considerado é que William James supervaloriza a importância do sentimento. Suas noções de que o sentimento é o que importa como matriz da religião e que é a partir do sentimento que a fé e o ritual surgem, precisam ser analisadas com cuidado. Supervalorizar a função do sentimento e menosprezar os aspectos intelectuais, éticos e vocacionais da religião é um extremo perigoso, pois isso invalida e exclui as atividades dos aspectos cognitivos e volitivos de uma pessoa em suas experiências. A suposição de James de que as disposições patológicas podem ser um pré-requisito para as genuínas experiências religiosas é também algo que pode ser contestado. É duvidoso que a psicopatologia venha a ser uma explicação satisfatória da piedade nas pessoas, embora o caráter dissociado de alguns pode dar um ímpeto ao desenvolvimento religioso; entretanto, a maioria dos frutos de tais disposições é ruim e não o oposto.

Destaca-se o fato de que, embora não se possa concordar com algumas ideias e com a metodologia de James, há muita coisa que é provocativa e de valor em suas palestras sobre as variedades da experiência religiosa. Além disso, “As variedades da experiência religiosa” é uma obra clássica em psicologia da religião. Há um ressurgimento de algumas de suas ideias, trazendo enorme influência em escritos desse campo, especialmente na Alemanha onde James tem se tornado uma parte das discussões hermenêuticas, sendo uma ferramenta teológica a ser considerada, além de ser inspiração de estudo de pessoas religiosas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

JAMES, W. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. São Paulo : Cultrix, 1995.

_____. *The varieties of religious experience*. New York: Longmans, 1922.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

BINGEMER, Maria (org). *O impacto da modernidade sobre a religião*. São Paulo: Loyola, 1992.

DAVIDOFF, Linda L. *Introdução à psicologia*. São Paulo: McGraw Hill do Brasil, 1993.

DESROCHE Henri. *O homem e suas religiões: ciências humanas e experiências religiosas*. São Paulo: Paulinas, 1985.

DURKHEIM Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1996;

FILORAMO, G. & PRANDI, C. *As ciências da religião*. São Paulo: Paulus, 1999.

FRAAS, H. *A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

HICKMAN, F. *Introduction to the psychology of religion*. New York: Abingdon, 1946.

JAMES, W. *The principles of Psychology*. New York: Macmillan, 1950. vol. 1 e 2.

_____. *The will to believe, human immortality and other essays*. New York: Doker, 1956.

_____. *Talks to teachers*. New York: Macmillan, 1945.

JOHNSON, P. E. *Psicologia da religião*. São Paulo: ASTE, 1964.

LEON, J. A. *Psicología de la experiencia religiosa*. Buenos Aires: Caribe, 1973.

ROSA, M. *Psicologia da religião*. Rio de Janeiro: JUERP, 1981.

STRICKLAND, F. *Psychology of religious experience*. New York: Abingdon, 1934.

YOUNG Carl G. *Psicologia da religião ocidental e oriental*. Petrópolis: Vozes, 1988.